

Mateus Fernandes e os motivos têxteis na arquitetura

António dos Santos Pereira
Universidade da Beira Interior
asp@ubi.pt

RESUMO

Mateus Fernandes é um mestre-de-obras de incontestável originalidade ainda que inserido no estilo designado por tardo-gótico, autor de trabalhos que vão desde a igreja de Nossa Senhora do Pópulo, nas Caldas da Rainha, ao pórtico em cortinado das capelas imperfeitas do Mosteiro de Santa Maria da Vitória da Batalha. A vida deste arquiteto, falecido em 1515, confunde-se com a História do Mosteiro onde está sepultado e que foi trazido à ribalta portuguesa e europeia a partir de finais do século XVIII pelo mérito de outro cultor daquela arte e excelente desenhador James Murphy (1760-1814). Todo o projeto parece beneficiar da influência do debuxo têxtil, desde a pedra rendada, aos baldaquinos e à representação frequente da cordoaria e das vestes na estatuária.

PALAVRAS-CHAVE

Mateus Fernandes, Mosteiro de Santa Maria da Vitória da Batalha, História da Arquitetura, Estilo Manuelino.

ABSTRACT

Mateus Fernandes is an architect of unquestionable originality although inserted in the style designated by late Gothic, author of works that go from the church of Our Lady of Pópulo, in Caldas da Rainha, until the portico, in the form of a curtain, of imperfect chapels of the Monastery of Santa Maria da Vitoria da Batalha. The life of this architect, who died in 1515, is confused with the History of the Monastery where he is buried and which was brought to the Portuguese and European fronts from the end of the eighteenth century by the merit of another master of that art and excellent designer James Murphy (1760 -1814). The whole project seems to benefit from the influence of the textile flock, from the lacy stone, to the baldachin and to the frequent representation of the rope and the vestments in the statuary.

KEYWORDS

Mateus Fernandes, Monastery of Santa Maria da Vitoria da Batalha, History of Architecture, Manueline style.

INTRODUÇÃO

Já percebemos quanto o entrelaçado de fibras da cordoaria foi imitado na pedra, desde a icónica janela do Convento Tomar, às grossas colunas que elevam a Sé da Guarda e aos relevos do portal do Mosteiro de Santa Maria de Belém, que vela a cidade de Lisboa. Indagaremos agora como os motivos têxteis, reposteiros, tapetes e outras expressões tecidas, foram assumidos nos desenhos em pedra, particularmente nas obras em que participou Mateus Fernandes. Os arquitetos de finais de Quatrocentos e princípios de Quinhentos teceram a portugalidade em pedra e fixaram a história que viviam para o futuro. Os motivos eram os maiores.

A História deve ser feita por historiadores habilitados, experimentados na consulta das fontes e na síntese da matéria histórica e de bom senso na sua divulgação, sem a obsessão pela curiosidade para evidência pública ou alarde solto de saber. Como ciência da verdade, saber dos saberes, exige um compromisso de vida de sacrifício por ela e de felicidade, quando o historiador dela se aproxima e a desvenda, nela tendo a sua melhor remuneração. Com efeito, os factos históricos são muito complexos e estabelecê-los exige tempo, por vezes, uma ou mais vidas, quando se deixam discípulos. A historiografia do Mosteiro da Batalha tem assentos antigos. Frei Luís de Sousa (1555-1632), que antes queria ser pintor para melhor realçar naquela obra a riqueza dos pormenores, confirma já a admiração dos estrangeiros que tinham a oportunidade de visitá-la (Sousa, primeira

parte, livro VI, 1767, cap. 13, pp. 621-622). Como bom historiador, o dominicano parecia querer adivinhar o espanto futuro do arquiteto irlandês, que ali chegou em 29 de Janeiro de 1789, um século e meio depois do ditoso frade ter falecido (Murphy 1795: 31). Frei Luís de Sousa fornece as medidas da Igreja da Batalha, 360 palmos de comprimento desde o portal ocidental até ao altar da capela-mor e 100 palmos de largura, em três naves, e demonstra a proporção de todo o conjunto (Sousa, primeira parte, 1767, livro VI, caps. 14, 15, 16). Na descrição do frade, as metáforas têxteis são vulgares, utilizando palavras como laço e rede (Sousa, primeira parte, 1767, livro VI, cap. 16, p. 633 et passim). Em particular, o mesmo nota o portal das capelas imperfeitas, obra de Mateus Fernandes, aqui aludindo aos misteriosos cordões e às laçarias e às letras que nele estão e dão entrada para um panteão inacabado por lhe faltar a cúpula de cobertura (Sousa, primeira parte, livro VI, cap. XIX, p. 639). Por seu turno, Murphy deu a mais perfeita imagem do monumento aos olhos estrangeiros e atribuiu o primeiro desenho a um inglês, Stephen Stephenson (?-1402) (Murphy 1795: 44), que ali trabalhou sob a direção de Afonso Domingues, levando a toda a parte o que ele sentira numa manhã luminosa de fins de Janeiro: o mais notável dos cenários à face da terra (Murphy 1795: 32). Ao estilo do monumento, o arquiteto não chama manuelino, mas gótico normando moderno (Murphy 1795: 33). O Irlandês conhecia bem os nossos clássicos. Lera Jerónimo Osório (1506-1580) e os cronistas dominicanos, Frei Luís de Cacegas (1540-1610) e Frei Luís de Sousa, que cita, e em quem nota o silêncio quanto ao arquiteto responsável pelo desenho da obra. A sua paixão pela portugalidade ficou notória nas estrofes de *Os Lusíadas* que leu em inglês. A epopeia lusíada tinha sido editada em versão inglesa, ainda no século XVII (*Lusiad* 1655), todavia merecera outra edição havia pouco mais de uma década em Oxford (*The Lusiad* 1776) antes de o irlandês visitar Portugal. Sem novidade, mas demonstrando fina sensibilidade, considera Luís de Camões o Virgílio de Portugal (Murphy 1795: 153). A tese de James Murphy aponta para uma forte participação inglesa no projeto da Batalha por influência da família Lencastre (Murphy 1795: 44). O irlandês esteve treze semanas no mosteiro tendo sido cumulado das maiores gentilezas pela comunidade dominicana que, entretanto, também foi visitada por um peregrino francês, dito Visconde Clararde. Almeida Garrett terá lido a narrativa de viagem de James Murphy porquanto este testemunha que foi na Batalha que pela primeira vez ouviu um rouxinol, que o nosso romântico aproveita como motivo na sua viagem ribatejana (Murphy 1795: 49). As biografias das figuras portuguesas da dinastia de Avis, que o irlandês faz de imediato à descrição do Mosteiro, seguramente influenciaram os autores de iniciativas idênticas no espaço português de finais de Setecentos e primeiras décadas de Oitocentos a que aludiremos adiante.

Entretanto, o mosteiro tem merecido os esforços dos nossos mais conceituados historiadores de vários âmbitos, da economia, da técnica, da identidade, da guerra, da arte, das instituições religiosas e outras áreas. Um dos autores que maior atenção lhe prestou foi o Cardeal Saraiva (Frei Francisco de São Luís Saraiva, 1766-1845) que antes de estada na serra de Ossa aqui conheceu um dos seus retiros mais longos, imposto desde outubro de 1823 a fevereiro de 1825 (Resende 1864: 20). Mal chegado, o erudito eclesiástico conferiu a documentação disponível localmente, releu as informações de Frei Luís de

Sousa e as de Murphy e deixou-nos um precioso trabalho em que estabelece o perfil seguro da figura que hoje trazemos à colação: Mateus Fernandes.

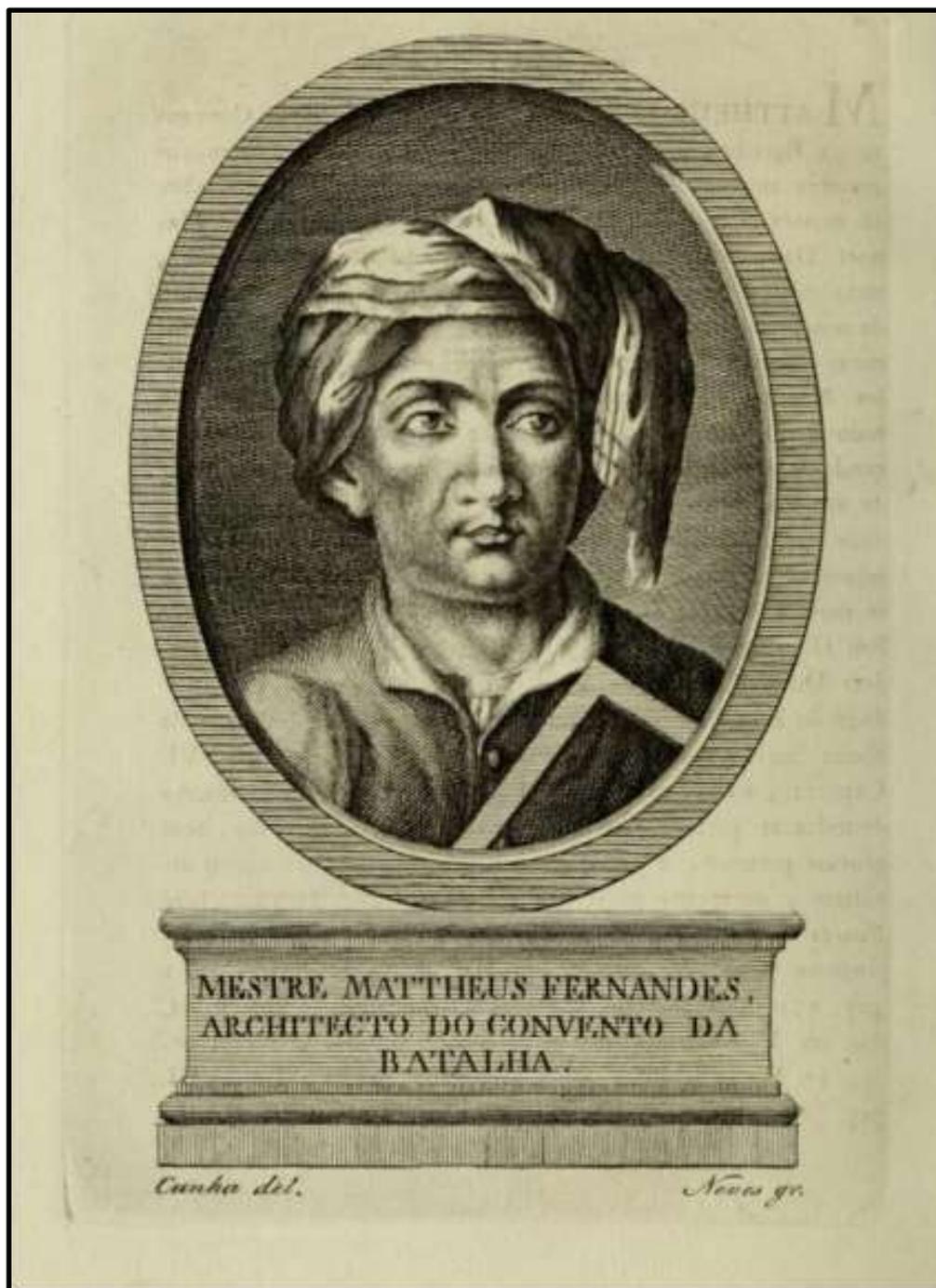


Fig. 1 - Mateus Fernandes (Figueiredo 1817)



Fig. 2 - Mateus Fernandes (Legrand 1841)

ITINERÁRIO ARQUITETÓNICO DE MATEUS FERNANDES

O primeiro autor a abordar a construção do Mosteiro da Batalha foi Frei Luís de Sousa que anuncia que o monarca “chamara de longes terras os mais celebres architectos, que se sabião; convocara de todas as partes officiaes de cantaria destros e sábios; convidara a huns com honras, a outros com grossos partidos, e obrigara a outros com tudo junto” (Cardeal Saraiva 1872: 279). Sobre o Mosteiro, que designamos em outra parte como Panteão da Dinastia de Avis, já dissemos como a vila próxima se desenvolvia na viragem de Quatrocentos para Quinhentos (Pereira 2003: 52). Boytac era ali Mestre das Obras Régias, em 1512. Mateus Fernandes assumira idêntica responsabilidade, em 1490, em simultâneo às visitas de fiscalização a outras obras pelo Reino (Pereira 2003: 184). Notamos ainda a interação estabelecida a partir da Batalha, com Tomar, Coimbra, Alcobça e outras obras pela mobilidade dos seus pedreiros (Pereira 2003: 188, quadro 110) e como junto se expandiam os pinhais e se desenvolvia a produção de vidro (Pereira 2003: 450). O Cardeal Saraiva dedicou-lhe um dos mais sérios estudos e manuseou pela primeira vez um manancial imenso de fontes numa perspetiva inovadora pois vai muito além do monumento e da comunidade que se estabeleceu no Mosteiro, preocupando-se com tudo o que o envolve e em particular com o nascimento e desenvolvimento da vila da Batalha, coetâneos à construção daquela instituição. A oportunidade do estudo do Cardeal Saraiva era imensa. Iniciava-se um tempo de valorização do património nacional e pairava no ar o mérito estrangeiro quanto à construção daquele. Metodicamente estabeleceu vários níveis de análise, que correspondem a diferentes responsabilidades naquele espaço. Não se levantam dúvidas hoje quanto à iniciativa da construção daquele e à motivação por D. João I. Parece estar bem atribuída a responsabilidade da construção e a respetiva tutela dos cargos de nomeação régia – o Vedor das Obras Reais ou Provedor das Obras Reais ou Juiz das Obras reais. Também é legítimo realçar a excelência do lugar de construção por este se encontrar no centro do Reino. A preocupação de valorizar a obra pátria levou o Cardeal Saraiva a identificar os mestres da construção que aqui deixamos até ao visado Mateus Fernandes: Afonso Domingues, o primeiro responsável pela traça das construções em finais do século XIV, natural da freguesia da Madalena de Lisboa; o mestre Ouguet, ou Huget ou Huet, nos primeiros anos do século XV; o mestre Martim Vasquez em meados do século XV; o Mestre Fernão de Évora, sobrinho do anterior no terceiro quartel do século XV; o Mestre Matheus Fernandes nos finais do século XV e nos primórdios do XVI. Ao chegar a este, e conferindo a documentação conhecida então a propósito do mesmo, o cardeal Saraiva refuta as incongruências aparecidas nos princípios do século XIX, portanto, no seu tempo, quanto ao que sobre ele se afirmava. Aquelas apareceram em um caderno intitulado *Mestre Matheus Fernandes, Architecto do Convento da Batalha*, em 1806, numa série inicialmente intitulada *Retratos e Bustos dos Varões e Donas, que illustrarão a nação Portuguesa* com um especial destaque em um momento de revalorização dos trajetos biográficos, que hoje melhor consideramos prosopográficos, nos primórdios do século XIX de forma anónima, mas geralmente atribuída ao polémico José Agostinho de Macedo. O editor do caderno foi um ilustre naturalista, o franciscano José Mariano da Conceição Veloso, que o deixou passar para o prelo, sem o parecer do coordenador do projeto, Pedro José de Figueiredo, que alertaria para os inúmeros erros naquela primeira versão apresentando uma outra em 1817, que

nós consideramos séria pois hoje dispomos dos diplomas que a suportam, lidos e publicados por Sousa Viterbo, mas que não confirmam a naturalidade do biografado (Viterbo 1988, vol. 1: 335-342).

O autor do primeiro fascículo fazia nascer Mateus Fernandes na Covilhã nos começos do reinado de D. Fernando, atribuía-lhe origem judaica e viagens de ilustração arquitetónica pela Alemanha e Itália. Se fosse assim, o ilustre arquiteto teria vivido bem mais de 130 anos. Algumas impressões da edição de 1817 retomam a biografia além desenhada e contrapõem-na à correta para evidenciar os despautérios. Consultamos a existente na Biblioteca Nacional Portuguesa com a cota 318V que traz primeiramente a versão correta com a respetiva gravura e depois, no número 17, a avariada. Todavia descobrimos, em rede, uma outra com organização diferente, trazendo primeiramente a biografia incorreta sem a respetiva gravura da imagem e depois a corrigida, a seguir a D. Francisco de Almeida, todavia com o mesmo lugar e data de edição. Só o facto de as páginas não terem sido numeradas levou a tamanhos despautérios. Quer dizer que o encadernador podia alterar a ordem dos biografados. Cremos que a dita sùmula inicial deve ser atribuída ao Cardeal Saraiva que diz assim:

“Mattheus Fernandes foi mestre das obras em tempo do Senhor D. Manoel; que foi cazado com Isabel Guilhelme, de quem teve filhos: que possuiu bens de raiz no districto da Batalha, aonde tambem foi Juiz Ordinário; que era vassallo de el-Rei, e que faleceo no dia e anno já referido (1515)” (Cardeal Saraiva 1872: 285) e (Cardeal Saraiva 1827: 174-175, nota b)

Na versão certa publicada em 1817, Mateus Fernandes aparece designado como Mestre das obras do Mosteiro da Batalha, com tença anual de um moio de trigo (sessenta alqueires) desde 24 de Junho de 1490, concedida em Santarém em 8 de Julho de 1491 por D. João II (Viterbo 1988, vol I: 337) e confirmada em Évora por D. Manuel em 17 de Julho de 1497 (Viterbo 1988, vol. III: 310). Seguramente esta figura é a mesma que aparece a adquirir um chão, junto à ponte do Juncal, e ao cerrado dos Frades, a Jorge Gonçalves, morador na Batalha em 18 de Janeiro de 1503, por 1.000 rs., ficando nós a saber que estava então casado com Isabel Guilherme. Sabemos ainda que fez algumas deslocações para examinar obras régias. Com efeito, na condição de Mestre das Obras da Batalha foi a Almeida examinar uma obra volumosa no respetivo castelo e outras nas vilas de Castelo Rodrigo e de Castelo Branco, em 1508, feitas pelo biscainho Francisco Danzinho (Viterbo 1988, vol. I: 338-339). Em 1510, visitava obras em Coimbra na companhia do mestre Boutac e, em 1514, a fortaleza de Salvaterra (Viterbo 1988, vol. I: 340). Fica também provado que foi pai de um outro mestre arquiteto que trabalhou na sé da Guarda e no mosteiro de Belém, Filipe Henriques, pois este recebeu por ele a tença a que aquele tinha direito como Recebedor do Dinheiro das Obras do Mosteiro da Batalha, cargo que exercia desde 1513 (Viterbo 1988, vol. I: 340). Faleceu em 10 de Abril de 1515 como consta na sua sepultura no mosteiro da Batalha no pavimento da igreja ao fundo dos degraus que descem da porta principal para dentro. A mulher, Isabel Guilherme, ainda era viva nos anos seguinte pois adquiriu parte de um cerrado a Álvaro Fernandes e a Leonor Pires, de Porto de Mós, por 380 rs (Viterbo 1988, vol. I: 342). Isabel Guilherme seria filha de Mestre Guilherme que

sucedera a Fernão de Évora na direção das Obras da Batalha em 1467. A Mateus Fernandes sucedeu seu filho com igual nome na direção das mesmas (Viterbo 1988, vol. I: 342).

Além da fiscalização que fez em particular na comarca da Beira, Mateus Fernandes deixou obras sobretudo na Estremadura. A primeira obra de mérito arquitetónico reconhecido foi a Igreja de Nossa Senhora do Pópulo no magnífico Hospital Termal aí mandado construir pela Rainha Dona Leonor em 1485. A ligação à Beira não é despicienda. Com efeito, está provada a influência de D. Jorge da Costa, o dito Cardeal de Alpedrinha, junto do papa quanto aos *Compromissos* da instituição e nós sabemos que era ele o comendatário de Alcobaça ao tempo. O plano do Hospital e da igreja e as decorações são atribuídos ao Mestre Mateus Fernandes que assim ganha a confiança do monarca que o nomeia mestre das Obras da Batalha em 1490 e ali deixa o esplendoroso portal das Capelas Imperfeitas terminado em 1509. As obras de Mateus Fernandes devem ser entendidas como a expressão em arte de um movimento religioso de extraordinária riqueza interior que visava a vivência do céu na terra, a *devotio moderna* (Pereira 1990: 44-47).

O LUGAR DO NASCIMENTO E OS HOMENS E AS MULHERES DO TEMPO DE MATEUS FERNANDES

Dispomos de algumas informações diretas seguras sobre Mateus Fernandes (?-1515 e conhecemos uma plêiade de figuras suas contemporâneas. Não sabemos onde nasceu. Depois da primeira edição dos Retratos, em 1817, Pedro José de Figueiredo faz correções que não atingem apenas a figura de Mateus Fernandes e numa atitude metódica que anuncia o verdadeiro historiador corrige informações a propósito do Infante D. Henrique a quem tinham trocado as Armas (Figueiredo 1817: 6-7). Todavia é sobre o suposto covilhanense que a correção é mais cuidadosa. Entre os mestres que exerceram a mesma arte, a arquitetura, contemporâneos de Mateus Fernandes, nomeamos João Rodrigues e Boytac. Quanto aos profissionais de outras artes, contemporâneos, mas na mestria de marcenaria, nomeamos Olivier de Gand e Jean d'Ypres. Aquele mestre foi também contemporâneo de alguns cronistas como Duarte Galvão (1445-1517), Rui de Pina (1440?-1522) e podia ter sido citado por eles. Boitac casou com Isabel Henriques, filha do mestre Mateus Fernandes antes de 1512.

OS MOTIVOS TÊXTEIS

A representação de cenários da ordem terrena, ela mesma assumida da celestial, fazia-se nos primórdios do Renascimento rica de cor na pintura, na tapeçaria nos interiores dos templos e dos paços, mas também em madeira nos retábulos, e em pedra, ainda nos retábulos e nos portais das catedrais. A contaminação das diferentes artes, tapeteiros, mestres de marcenaria e de pedraria, parece-nos notável no período. Nós percebemos, há já algum tempo, como o arquiteto da janela do Convento de Tomar pode ter tomado os grossos calabres para sua inspiração e não podemos excluir a inspiração têxtil nos desenhos de Mateus Fernandes nas obras que levou a cabo nas Caldas e na Batalha. Muito provavelmente a oficina deste mestre procedeu a uma primeira materialização dos conceitos através de materiais têxteis, antecipando em mais de cinco séculos aquilo que nos dizem alguns investigadores atuais do Norte Europeu (Wærsted, Elisabeth Heimdal; Lenau, Torben Anker; O'Mahony, Marie 2012). Encontramos os mais óbvios motivos têxteis na estatuária presente no Mosteiro da Batalha. Impressionantes de equilíbrio são as vestes da rainha D. Filipa, em estátua de vulto inteiro jacente, dando a mão ao monarca D. João I, formalmente armado.

CONCLUSÃO

Fica, pois, demonstrada aqui a riqueza do labor dos sucessivos mestres das obras régias particularmente no Mosteiro da Batalha e o percurso documentado de Mateus Fernandes, um dos maiores nomes do estilo que ainda hoje informa a portugalidade o manuelino que desde a viagem a Portugal do irlandês James Murphy ganhou o seu reconhecimento internacional. Quanto às informações a propósito da naturalidade, origem judaica e viagens de Mateus Fernandes, saídas na primeira versão dos retratos mandados elaborar pela Sociedade Philopátrica, foram corrigidos na sua versão final, publicada em 1817, por Pedro José de Figueiredo na obra *Retratos e elogios dos varões e donas que ilustraram a nação portuguesa em virtudes, letras, armas e artes*, logo no respetivo prólogo, notando-as como falsas e corroborando o Cardeal Saraiva. Todavia, até hoje a naturalidade de Mateus Fernandes ainda não foi reivindicada por outra localidade portuguesa além da Covilhã e até ser documentada a mesma, não deve a cidade rejeitá-lo como filho por ser tão ilustre aquele Mestre de Obras Régias. Apesar do nome Mateus Fernandes nos parecer tão português, conhecido o hábito de ao tempo algumas figuras adequarem o nome à língua do país em que viviam também não podemos deixar de supor uma origem estrangeira, que ainda não foi investigada, e nós tomaremos em mãos em futura oportunidade. Todavia na qualidade de historiador, sem outra documentação que prove as origens do ilustre arquiteto, por decoro profissional e académico, no imediato não fomentaremos especulações a propósito, nem reprovaremos comemorações dos quinhentos anos da sua morte que se fizeram na Covilhã, pois se não for seu natural decerto é já seu filho adotivo.

FONTES

Archivo Pittoresco, 1865, tomo VIII.

BARBOSA, Ignacio de Vilhena (1886). *Monumentos de Portugal: históricos, artísticos e archeológicos*. Lisboa: Castro Irmão.

CAMOES, Luís de (1655). *The Lusiad, or Portugals Historicall Poem: Written in Portugall Language*. Trad. Richard Fanshaw Esq.. London: printed for Humphrey Moseley, at the Prince's Arms in St. Pauls Church-Yard.

Camões, Luís de (1776), *The Lusiad: [or] the discovery of India: an epic poem*. Trad. William Julius Mickle. Oxford: printed by Jackson and Lister.

Cardeal Saraiva (Francisco de S. Luís) (1864). *Memória histórica de D. Fr. Francisco de S. Luiz Saraiva, tirada dos seus escriptos, acompanhada de notas e peças justificativas pelo Marquez de Rezende*. Lisboa: Tipografia da Academia das Ciências,

Cardeal Saraiva (Francisco de S. Luís) (1872). *Memória Histórica Sobre as Obras do Real Mosteiro de Santa Maria da Victória, Chamado Vulgarmente da Batalha*. In *Obras Completas*. Vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 271-342. Esta memória foi originalmente publicada em 1827 nas *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tomo X, parte I, pp. 163-179.

Figueiredo, Pedro José de (coord.) (1817). *Retratos, e elogios dos varões, e donas, que illustraram a nação portugueza em virtudes, letras, armas, e artes, assim nacionaes, como estranhos, tanto antigos, como modernos*. Lisboa: Oficina de Simão Tadeo Ferreira. Em rede

Gama, José de Saldanha da (1869). *Biographia e apreciação dos trabalhos do botânico Brasileiro frei José Mariano da Conceição Veloso*. Rio de Janeiro.

Legrand, C. (1841). *Matheus Fernandes: convento da Batalha*. [S.l.: s.n.]

Murphy, James (1795), *Travels in Portugal; through the Provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura, and Alem-Tejo, in the years 1789 and 1790 : Consisting of Observations on the Manners, Customs, Trade, Public Buildings, Arts, Antiquities, &c. of that Kingdom Buildings, Arts, Antiquities, &c. of that Kingdom*, London: A. Strahan, and T. Cadell Jun. and W. Davies, 1795

Pereira, António dos Santos (2003). *Portugal. O Império Urgente (1475-1525): 1º vol. Espaços, Homens e Produtos; 2º vol. Quadros Mentais e Aspectos do Quotidiano*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Pereira, Paulo (1990). As grandes edificações (1450-1530)... As primeiras obras manuelinas. in *História da Arte Portuguesa*. Vol. II. Lisboa: Círculo de Leitores.

Resende, Marquês de (1864). *Memória histórica de D. Fr. Francisco de S. Luiz Saraiva, tirada dos seus escriptos, acompanhada de notas e peças justificativas pelo marquez de Rezende*. Lisboa: Tipografia da Academia.

Retratos e Bustos dos Varões e Donas, Que Illustraram a Nação Portuguesa, em Virtudes, Letras, Armas, e Artes, Assim Nacionais como Estranhos, assim Antigos como Modernos na Europa, Africa, Asia e America Datados de Epoca do Seu Fallecimento com um Extracto de Suas Vidas Tirados de Histórias e Monumentos Antigos, Oferrecidas aos Generosos Portugueses por uma Sociedade Philopatrica, Lisboa, Imprensa Régia, 1806 e sgs (cota BNP TR. 2545 V). Em 1816 estavam publicados 11 cadernos que foram reunidos no ano seguinte. A BNP não dispõe de todos eles e as figuras recenseadas são as seguintes de acordo ao *Investigador Portuguez em Inglaterra*, vol. XVII: Infante D. Henrique; D. Nuno Álvares Pereira; D. Pedro de Meneses, Conde Viana e Governador de Ceuta; Doutor João das Regras; D. Pedro, Infante, Regente do Reino; Martim Moniz; D. Duarte de Meneses, conde de Viana, Governador de Alcácer Seguer; Martim d'Ocem, Chanceler Mor; D. Fernando Infante Santo de Portugal; João XXI Papa; D. Álvaro Vaz de Alameda, *O Lidador*; Diogo Gonçalves de Travassos; D. João Infante de Portugal, Mestre da Ordem de S. Tiago; DD. Fr. João de Évora, Bispo de Viseu; D. Pedro Eanes Lobato, 1º Regedor do Cível; Mestre Matheus Fernandes, Arquitecto do Convento da Batalha; etc.

SOUSA, Frei Luís de (1767). *Primeira Parte da História de S. Domingos Particular do Reino e Conquistas de Portugal por Frei Luís de Cacegas da Mesma Ordem e Província e e Chronista della Reformada em Estilo e Ordem e amplificada em sucessos e particularidades por Fr. Luís de Sousa filho do convento de Bemfica*. Lisboa: António Galhardo. Em rede.

Sousa, Frei Luís de (1767). *Segunda Parte da História de S. Domingos Particular do Reino e Conquistas de Portugal por Frei Luís de Cacegas da Mesma Ordem e Província e e Chronista della Reformada em Estilo e Ordem e amplificada em sucessos e particularidades por Fr. Luís de Sousa filho do convento de Bemfica*. Lisboa: António Galhardo. Em rede.

Viterbo, Sousa (1988), *Dicionário Histórico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*, vol. I - Reprodução em fac-simile do exemplar com data de 1899 da Biblioteca da INCM; vol. II - Reprodução em fac-simile de exemplar com data de 1904; vol. III Reprodução em fac-simile do exemplar com data de 1922; com prefácio de Pedro Dias, Lisboa INCM, 1988.

Wærsted, Elisabeth Heimdal; Lenau, Torben Anker; O'Mahony, Marie (2012). *Exploring Textiles in Architecture through Tangible Three-Dimensional Sketching Tools*. Paper presented at MAKING, Notodden, Norway. Downloaded from orbit.dtu.dk on: Nov 23, 2015

Warner, I. (1803). *A view of the church of Batalha in the province of Estremadura in Portugal* - 1 desenho : lápis de grafite.

APÊNDICE

Pormenores do Mosteiro da Batalha

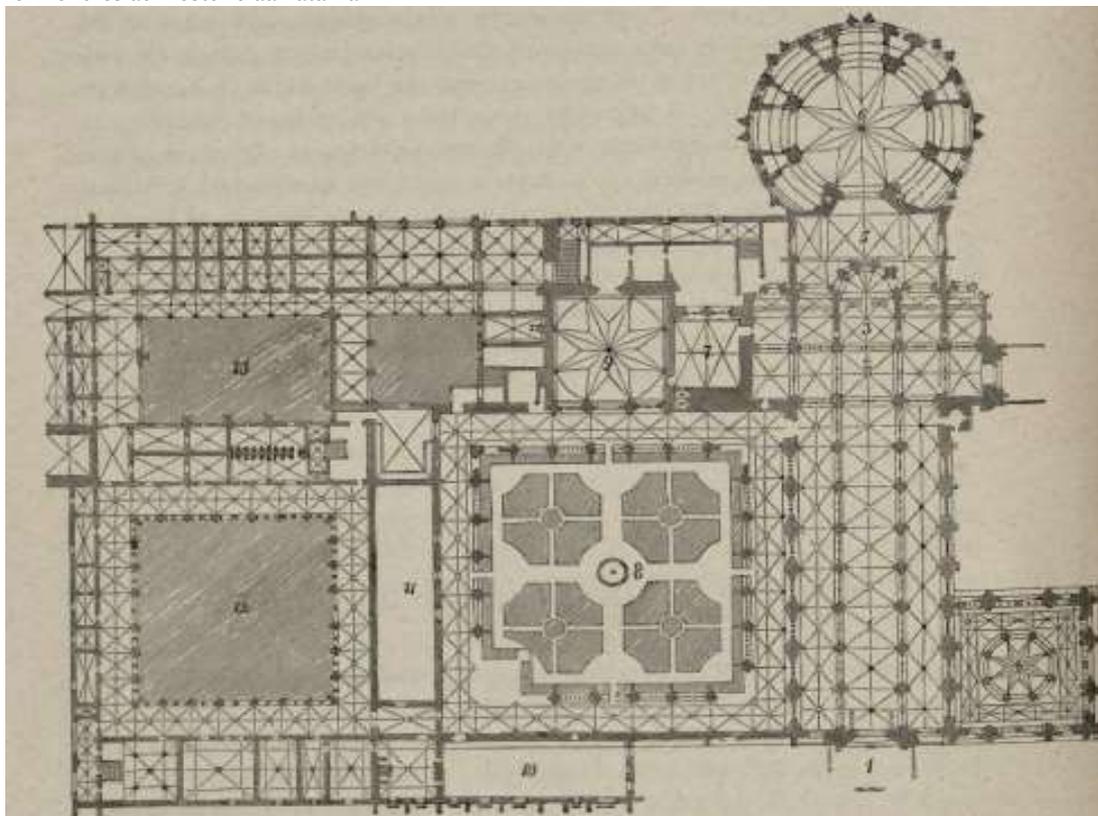


Fig. 3 - Planta do Mosteiro, como se fosse um debuxo têxtil, elaborada por Murphy e retomada (Barbosa 1886: 14)



Fig. 4 - Procissão junto ao Mosteiro da Batalha (Murphy 1795)



Fig. 5 - Desenho a lápis de grafite da Igreja do Mosteiro da Batalha (Warner 1803)



Fig. 6 - Perspetiva Geral do Mosteiro da Batalha (Legrand 1841)